



A MINHA A TUA A NOSSA CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA PORTUGUESA

EXPOSIÇÃO

21 de Abril a 31 de Dezembro de 2026

**AkaCorleone /Gonçalo Mar /Kruella D'Enfer
±MaisMenos± /Mariana Malhão /Ruído
Tamara Alves /Third /Whils /Wasted Rita
Mural Love For Rebellion**

A minha, a tua, a nossa Constituição da República Portuguesa assinala os 50 anos da Constituição de 1976 a partir da sua força histórica, política e simbólica, mas também da sua permanente atualidade. Organizada pela CGTP-IN, esta exposição propõe uma revisitação crítica da lei fundamental da democracia portuguesa, sublinhando tanto o seu papel estruturante na construção de direitos, liberdades e garantias, como os sucessivos danos a que tem sido exposta ao longo das sucessivas revisões e perante o avanço de forças reacionárias que persistentemente a procuram fragilizar.

Através de uma seleção de dez direitos centrais inscritos na Constituição, reinterpretados por dez artistas convidados, a exposição cruza arte, memória e intervenção, convocando uma reflexão sobre o lugar da Constituição na vida coletiva, no presente e no futuro. Entre o documento histórico e o campo de disputa, entre a promessa democrática e a sua concretização sempre inacabada, afirma-se aqui a Constituição como património comum, instrumento de defesa social, horizonte de resistência e construção de futuro.

Miguel Januário e Silvestre Lacerda



Cofinanciado pela
União Europeia

Os Fundos Europeus mais próximos de si.

A Constituição da República Portuguesa aprovada há 50 anos, fruto da Revolução de Abril, da acção das massas populares em aliança com o Movimento das Forças Armadas (MFA), tem a marca indelével do resultado da luta dos trabalhadores e da intervenção decisiva da Intersindical Nacional*. As transformações políticas, económicas e sociais então realizadas, como as que retratamos nos painéis desta exposição, mas também as nacionalizações, a reforma agrária, o controlo operário, o reforço do movimento associativo e a conquista e defesa dos mais importantes direitos políticos, económicos, sociais e culturais dos trabalhadores e do povo que vieram a ser consagrados, só foram possíveis pela intervenção decisiva da Intersindical e a acção e luta dos trabalhadores, organizados nos seus sindicatos de classe.

O direito à saúde, educação, protecção social, habitação ou cultura, direitos universais com consagração constitucional, são conquistas dos trabalhadores e do povo inconciliáveis com os interesses dos que querem transformar esses direitos em meras áreas de negócio. O direito ao trabalho, à segurança no emprego e à liberdade sindical, o direito de resistência e à liberdade de expressão, informação, manifestação e associação são pilares da nossa democracia, consagrados na Constituição fruto da acção dos trabalhadores. Como o são o direito à igualdade, os direitos de maternidade e paternidade, o direito à protecção das crianças e os direitos da terceira idade. São, entre outros, avanços civilizacionais atacados pelas sucessivas revisões a que a Constituição foi sujeita,

com as mutilações que provocaram, e pela política de direita de sucessivos governos ao serviço do grande capital, ao longo das últimas décadas.

As muitas dificuldades que afectam o dia-a-dia de quem trabalha e trabalhou exigem que os direitos consagrados sejam cumpridos e não eliminados da Constituição, como, mais uma vez, as forças reacionárias e retrógradas querem, quando afirmam o seu propósito de destruir o projecto libertador e emancipador que consubstancia. A democracia exige o respeito e defesa da Constituição. A Constituição da República Portuguesa, apesar das sucessivas revisões a que foi sujeita, é, ainda hoje, uma referência fundamental para abrir caminho rumo a uma sociedade mais justa, desenvolvida e coesa, social e territorialmente.

Na Constituição inscreveram-se os direitos pelos quais lutaram muitas gerações de trabalhadores nas difíceis condições do fascismo. Nela, estão plasmadas conquistas que urge defender, nela estão inscritos os valores para moldar o futuro de um Portugal democrático, desenvolvido e soberano. A sociedade e o Portugal por que continuaremos a intervir e lutar!

Tiago Oliveira (Secretário Geral da CGTP-IN)

* Intersindical Nacional que, a partir do Congresso de Todos os Sindicatos (27 a 29.01.1977), passa a designar-se Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses-Intersindical Nacional (CGTP-IN).

1/ CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA PORTUGUESA /PREÂMBULO

A 25 de Abril de 1974, o Movimento das Forças Armadas, coroando a longa resistência do povo português, do movimento operário e sindical, e interpretando os seus sentimentos profundos, derrubou o regime fascista.

Libertar Portugal da ditadura, da opressão e do colonialismo representou uma transformação revolucionária e o início de uma viragem histórica na sociedade portuguesa. A Revolução restituiu aos portugueses os direitos e liberdades fundamentais. No exercício destes direitos e liberdades, os legítimos representantes do povo reuniram-se para elaborar uma Constituição que correspondesse às aspirações do país.

A Assembleia Constituinte afirmou a decisão do povo português de defender a independência e a soberania nacionais, de garantir os direitos fundamentais dos cidadãos e de estabelecer os princípios basilares da democracia, de assegurar o primado do Estado de Direito democrático e de abrir caminho para uma sociedade socialista, no respeito da vontade do povo português, tendo em vista a construção de um país mais livre, mais justo e mais fraterno.

A Assembleia Constituinte, reunida na sessão de 2 de Abril de 1976, aprova e decreta a versão final da Constituição da República Portuguesa, a qual iria entrar em vigor a 25 de Abril de 1976. Apesar das 7 revisões constitucionais já realizadas (1982; 1989; 1992; 1997; 2001; 2004 e 2005) a versão actual ainda mantém, no essencial, as suas principais características.

ARTISTAS /DIREITOS /Obras 70x100cm

2/ RUIDO /DIREITO AO TRABALHO E À LIBERDADE SINDICAL / Acrílico e spray sobre tela
Ruido é um projeto criativo composto pelos artistas portugueses Draw (Frederico Soares Campos, n. 1988) e Alma (Rodrigo Guinea Gonçalves, n. 1984), cujos percursos são marcados pelo graffiti e pela arte urbana. A colaboração artística cruza o universo figurativo e expressivo de Draw com a abordagem abstrata, geométrica e textural de Alma, dando origem a composições que transformam o espaço onde se inserem e estabelecem uma relação direta com o observador. Como o próprio nome sugere, Ruido desenvolve uma linguagem construída por sobreposições e camadas visuais, sustentada no equilíbrio entre linguagens distintas que se fundem numa identidade comum. A prática do coletivo assenta num processo de “sampling” visual e conceptual, recolhendo referências, texturas e sinais dos contextos que observa para os recombinar numa linguagem própria e reconhecível. Com um foco claro na condição humana, o trabalho da dupla explora a relação de influência mútua entre o ser humano e o meio que o envolve: a forma como ocupamos, transformamos e experienciamos os lugares e, em sentido inverso, como o espaço, o tempo e os contextos sociais e políticos moldam emoções, tensões e modos de estar no mundo. É a partir desta leitura atenta da realidade contemporânea que Ruido constrói uma prática artística singular, onde cada obra se afirma como um gesto consciente do seu tempo.

3/ WASTED RITA /DIREITO À LIBERDADE DE EXPRESSÃO E INFORMAÇÃO / Lápis de cera sobre papel
A artista portuguesa Wasted Rita (n. 1988) tem vindo a desenvolver uma prática de natureza crítica e particularmente intimista que explora a sua relação amor-ódio com a vida e o mundo à sua volta. Envolvendo-se nos domínios da contemplação e introspecção, a artista compõe meticulosamente aforismos incisivos e sardônicos, imbuídos de nuances ácidas, despejando pequenas pérolas de sabedoria sarcástica mergulhadas em ácido, que refletem uma educação não convencional numa escola católica ao som de Black Flag. Fazendo uso de uma variedade de meios – incluindo objetos escultóricos, instalação, pintura, desenho e escrita – a sua voz única revela observações mordazes e inventivas poéticas sobre o comportamento humano e a existência na contemporaneidade. Desde 2011, tem apresentado o seu trabalho numa variedade de contextos, incluindo exposições individuais e coletivas em galerias, instituições e eventos artísticos em vários países. Presentemente, vive e trabalha em Lisboa, Portugal.

4/ MARIANA MALHÃO /DIREITO À INFÂNCIA E À TERCEIRA IDADE / Tinta plástica sobre papel
Mariana Malhão, Coimbra 1994. Frequentou o curso de Design de Comunicação na faculdade de Belas Artes do Porto finalizando com um estágio na Oficina Arara onde surgiu o interesse pela ilustração e projetos de auto edição. Atualmente trabalha como ilustradora freelancer adaptando o seu trabalho a diferentes meios, desde o editorial à pintura mural, passando pela cerâmica. É co-organizadora da feira de edição independente Sábado-Feira (Porto, 2028 -) e fez parte da galeria Senhora Presidenta (Porto, 2018 - 2024).

5/ AKACORLEONE /DIREITO À MATERNIDADE E PATERNIDADE / Marcadores sobre papel
AKACORLEONE é o nome artístico de Pedro Campiche (Lisboa, 1985), um artista visual cuja prática explora o equilíbrio entre o analógico e o digital, marcada pela saturação de cor e por formas inspiradas no seu universo pessoal. Iniciou o seu percurso no graffiti no início dos anos 2000 e, a partir de 2008, expandiu o trabalho para a ilustração, muralismo e posteriormente para o contexto de galeria. Com uma abordagem multidisciplinar que integra pintura, instalação e escultura, o artista explora continuamente novos materiais e técnicas. A sua obra tem sido apresentada em galerias, espaços urbanos e exposições internacionais, consolidando o reconhecimento do seu trabalho em vários países.

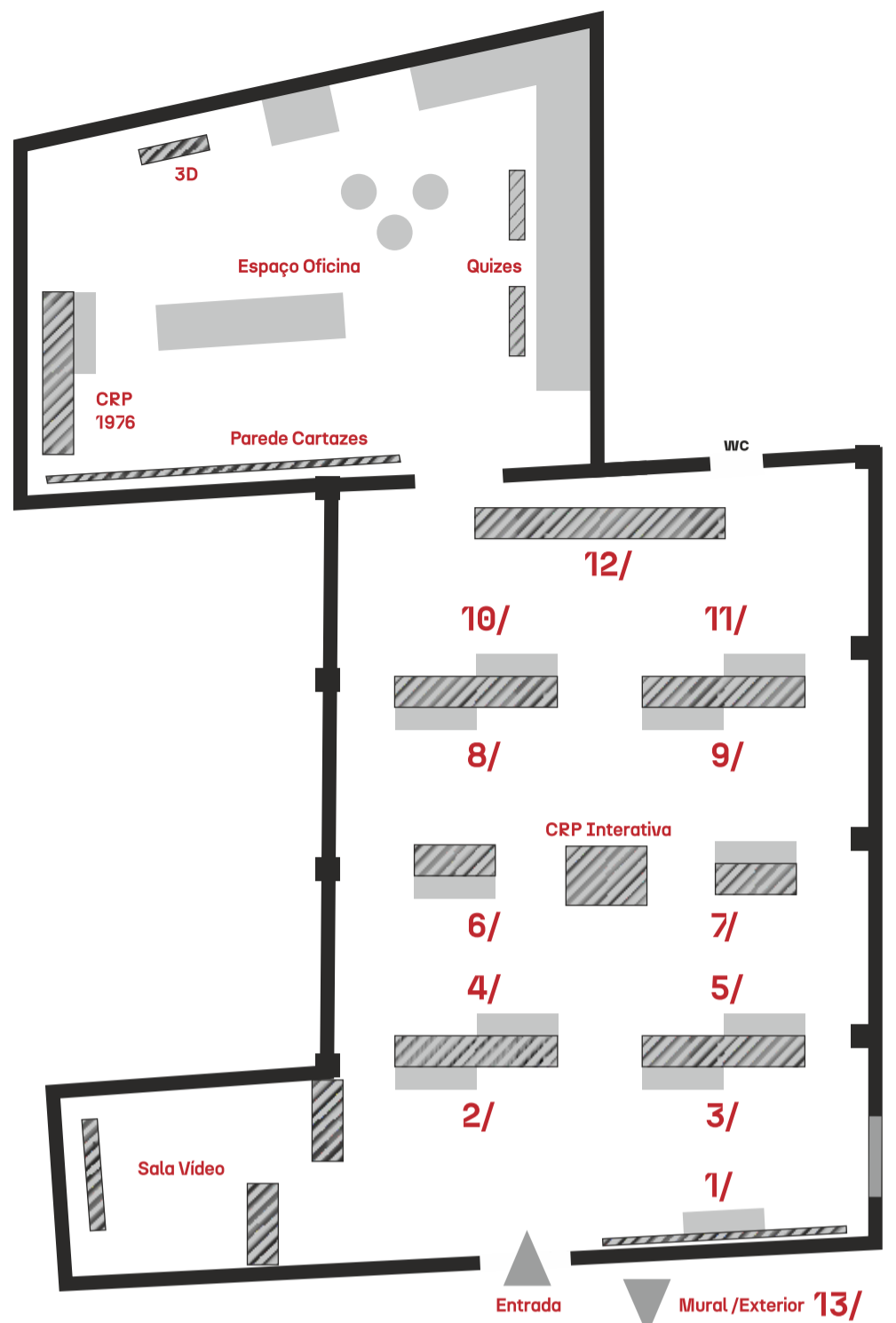
6/ THIRD /DIREITO À HABITAÇÃO / Óleo sobre tela
Nascido em 1979, em Vila Nova de Gaia, Third é um dos nomes mais sólidos da arte urbana em Portugal. Com um percurso que se iniciou no graffiti em 1997, evoluiu para uma linguagem multidisciplinar que funde a ilustração, a pintura a óleo e o desenho clássico. Especialista em tridimensionalidade e realismo, o seu estilo marca o espaço público com figuras humanas detalhadas e composições de rigor clássico. Ao longo de mais de duas décadas, colaborou com grandes marcas e instituições, destacando-se o design de estampados para a Aem'Kei (Alemanha), murais para o Lionesa Business Hub e o Spark (Castro Group), além da criação do selo oficial dos 200 anos de Camilo Castelo Branco (CTT, 2025). Com presença assídua em festivais internacionais como o Mons Art Habite La Ville (Bélgica) e o Gargar (Espanha), e nacionais como o Iminente e o WOOL, Third afirma-se como um catalisador do quotidiano, elevando a cultura urbana a novos patamares de perfeição técnica e originalidade.

7/ KRUELA D'ENFER /DIREITO À SAÚDE / Azulejo pintado à mão
Kruella d'Enfer (1988) é uma artista visual e ilustradora portuguesa conhecida pelo seu universo mágico, onde criaturas místicas, lendas antigas e paisagens encantadas ganham uma nova vida. Inspirada pela natureza, folclore, viagens e espiritualidade, cria obras que habitam a fronteira entre o real e o imaginário. Com uma linguagem visual marcada por cores vibrantes, formas geométricas e símbolos poéticos, o seu trabalho vive tanto em murais de grande escala como em telas, papel e projetos de estúdio mais intimistas. Desde 2010, tem exposto em galerias e festivais em Portugal e no estrangeiro, e pintado murais por toda a Europa e Ásia, deixando a sua marca em cidades e comunidades com quem se cruza.

8/ ALEXANDRE FARTO AKA VHILS /DIREITO À EDUCAÇÃO, CULTURA E DESPORTO / Serigrafia e spray
O artista português Alexandre Farto aka Vhils desenvolveu uma linguagem visual centrada na remoção de camadas superficiais, esculpindo paredes e outros suportes para revelar as histórias e identidades que neles se encontram. Com origem no graffiti no início dos anos 2000, a sua prática reflete sobre o impacto do desenvolvimento urbano, da memória e da globalização nas sociedades contemporâneas. Através de um processo de destruição criativa, transforma materiais rejeitados pela cidade em composições visuais fortes e poéticas, frequentemente materializadas em retratos de grande escala. O seu trabalho tem sido apresentado internacionalmente e integra coleções públicas e privadas.

9/ GONÇALO MAR /DIREITO À SEGURANÇA SOCIAL / Acrílico sobre tela
O apelo foi constante, era só uma questão de tempo, a interpretação que MAR faz do ambiente que o envolve como artista deve ser pintada. Aos 12 anos já desenhava figuras da sua imaginação com um pouco de giz no asfalto. Com o passar dos anos sua escolha profissional foi natural. Durante o curso universitário - licenciado em Design de Moda pela F.A.L. - candidata-se a um lugar num estúdio de animação português - “Magic Toons” como desenhista. É nessa época, em 98, que ele tem sua primeira experiência com o graffiti. Desde então, movido por suas convicções artísticas, Mar busca a constante evolução do movimento de Arte de Rua- que evolui globalmente. Trabalha com diversas marcas Nacionais e Internacionais. Conhecido pelos seus pares pelos seus personagens, destaca-se pela forma como construiu os seus personagens e ambientes conferindo-lhes linhas e formas que os tornam únicos.

10/ ±MAISMENOS± /DIREITO À RESISTÊNCIA / Plástico moldado, tintas, vinil, diversos materiais
Miguel Januário nasceu no Porto em 1981. É Licenciado em Design de Comunicação e doutorando em Design na FBAUP. Trabalhou com o espaço de intervenção cultural Maus Hábitos e foi Diretor Artístico da Ivity Brand Corp. Atualmente é Head of Art for Sustainability no CEiiA e Diretor Artístico do projeto editorial S_Cities. É militante do PCP. É representado pela galeria Underdogs. É o autor do “±MAISMENOS±”, um projeto artístico de intervenção política que se tornou uma referência nacional e internacional de arte urbana. O projeto é também o foco da corrente investigação de doutoramento de Miguel Januário na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Em 2025 foi condecorado com a Medalha de Mérito da Cidade do Porto.



11/ TAMARA ALVES /DIREITO À IGUALDADE / Aguarela, grafite e spray sobre papel
Tamara Alves (n. 1983) é uma artista visual Portuguesa que reside actualmente em Lisboa. Licenciou-se em Artes Plásticas (ESAD-IPL) e fez um mestrado em Práticas Artísticas Contemporâneas, onde o assunto da dissertação foi “Activismo Público em Contexto Urbano”. Sempre se interessou por um tipo de arte que é “inserida” no mundo, fascinada pela estética da rua e contexto urbano, prefere apresentar o seu trabalho na rua ou em espaços públicos. Tamara Alves tem vindo a construir uma narrativa que celebra de forma crua e poética a vitalidade das sensações fortes, de um devir animal, da paixão bruta, por oposição à deliberação racional. Com base na ideia de que os nossos instintos são aquilo que nos define, a artista invoca um universo de figuras humanas e animais em interação com a paisagem natural e objectos imbuídos de forte carga simbólica que nos convidam a abraçar os sentimentos como uma força motriz, bravia e indomada. Um universo onde o amor, sempre o amor (que é ferida, dor, lágrimas, mas não menos prazer, regozijo, êxtase), pode ser fruto de um impacto, um acidente, crescendo dentro de nós como uma flor silvestre.

12/ DEZ DIREITOS / Instalação vídeo
Os dez vídeos que compõem esta instalação foram criados no âmbito das comemorações dos 50 anos da Constituição da República Portuguesa. Neste espaço, a parede deixa de ser limite para se tornar numa janela. A parede, tradicionalmente associada à divisão ou até ao silêncio, transforma-se aqui num suporte plural onde o tempo se desdobra em dez pequenos universos paralelos. Cada vídeo, com o seu minuto de duração, ocupa o seu lugar na parede representando cada um dos Direitos. Como se de um painel de memórias se tratasse, convidando o visitante a percorrê-los - seja de forma sequencial, seja num movimento livre e saltado, tal como a própria liberdade conquistada após Abril. A disposição dos dez ecrãs, lado a lado, cria um ritmo visual que amplifica as disparidades entre o passado e o presente, entre o que foi vivido e o que ainda ressoa. Este projecto audiovisual não se limita a mostrar imagens de arquivo: ele propõe uma experiência fragmentada, onde cada direito constitucional ganha corpo, som e memória, numa parede que se quer viva e democrática. Cada minuto é uma viagem ao passado, transportam-nos para realidades sociais que marcaram gerações - do acesso à saúde e à educação, ao trabalho digno, à habitação, à igualdade de género, à segurança social, à cultura e à igualdade, à liberdade de expressão e de informação. A sonoridade que acompanha cada vídeo joga com contrastes: ruídos, músicas de intervenção que se cruzam com ecos contemporâneos, criando uma relação entre o que se viveu e o que ainda se luta. Para uns nostalgia fácil. Para outros memória viva, crítica, emoções. Há referências a momentos culturalmente marcantes - pedaços de um país que aprendia, quase de um dia para o outro, a ser diferente. Ao olhar para estas imagens, escute-se os contrastes. E lembre-se: cada direito que hoje exercemos tem raízes num tempo em que tudo parecia possível e ao mesmo tempo incerto. Porque a liberdade não é um ponto de chegada, é acção contínua.

13/ LOVE FOR REBELLION /CRP 50 ANOS / Pintura mural
Love For Rebellion é uma plataforma artística com forte identidade política e estética contestatária, inspirada por movimentos de resistência, cultura underground, futebol e imaginário revolucionário, que cruza design gráfico incisivo com mensagens de oposição ao status quo. A sua linguagem visual bebe da estética punk, antifascista e da propaganda política do século XX, reinterpretando esses códigos num contexto contemporâneo e afirmando-se como uma forma de expressão ideológica dirigida a públicos ligados às subculturas urbanas, ao ativismo e à contra-cultura.

**“A MINHA, A TUA, A NOSSA CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA PORTUGUESA”
EXPOSIÇÃO /21 DE ABRIL A 31 DE DEZEMBRO DE 2026
SEIXAL/ESPAÇO MEMÓRIA CGTP-IN**